

# ACTAS DEL XIII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

(Valladolid, 15 a 19 de septiembre de 2009)

IN MEMORIAM  
ALAN DEYERMOND

## I

Editadas por  
José Manuel Fradejas Rueda  
Déborah Dietrick Smithbauer  
Demetrio Martín Sanz  
M<sup>a</sup> Jesús Díez Garretas



VALLADOLID  
2010

© Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2010

© Los autores, 2010

*Reservados los todos derechos. Prohibida la reproducción parcial o total por cualquier medio, salvo para citas, sin permiso escrito de los propietarios del copyright*

Publicado por el Ayuntamiento de Valladolid y la Universidad de Valladolid

Ni el Ayuntamiento de Valladolid, ni la Universidad de Valladolid (UVa) ni la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (AHLM) ni los editores son responsables de la permanencia, pertinencia o precisión de las URL externas o de terceras personas que se mencionan en esta publicación, ni garantizan que el contenido de tales sitios web es, o será, preciso o pertinente.

Edición realizada dentro del proyecto de investigación VA46A09 financiado por la Junta de Castilla y León.

Ilustración de la cubierta de María Varela

ISBN 978-84-693-8468-8

D.L. VA 951-2010

Impreso en España por  
Valladolid Artes Gráficas

## O EPISÓDIO DA CAROLE MAGIQUE NO *LANÇALOT* CATALÃO E NO *LANÇAROTE* CASTELHANO

ISABEL SOFIA CALVÁRIO CORREIA  
*Bolseira-FCT/Universidade do Porto*

A extensa ‘estória’ de *Lancelot* teve um longo e sinuoso percurso, desde a sua génese no *Chevalier de la Charrette* até aos testemunhos que deixou por terras ibéricas.

A portentosa narrativa em torno do valoroso cavaleiro Lancelot conhece três etapas diferentes: a sua génese, no *roman en vers* do escritor de Troyes onde já se descreve o incomensurável amor à rainha e o valor cavaleiresco; a definição do seu enquadramento na corte arturiana, no designado *Lancelot não-cíclico*<sup>1</sup>, que narra pormenorizadamente a infância do herói junto da dama do lago, o início da sua vida cavaleiresca e as façanhas guerreiras que salvaguardam o reino de Artur do conquistador Galehout, graças à admiração que vem a nutrir por Lancelot, e preservam a integridade da rainha que defende, face a tudo e todos, como sua legítima suserana. Finalmente, esta considerável história entrelaça-se com a temática do Graal, o que complexifica, questionando, os valores do amor e da cavalaria e introduz uma temática de peso, a ideologia da linhagem. Na sua nova configuração, o denominado Lancelot-Graal<sup>2</sup>, tem como herói Galaad, filho de Lancelot, cavaleiro sem mácula que graças à predestinação imprimida na sua linhagem ascende em pleno às maravilhas do Sagrado Vaso. Os amores de Lancelot e Guenièvre, outrora motivo de proeza cavaleiresca, são condenados e acabam por conduzir,

---

<sup>1</sup> A ideia da existência de um romance em torno do Lancelot, que narrava a infância do herói até à morte de Galehout, foi defendida por Elspeth Kennedy. Veja-se KENNEDY, E, *Lancelot and the Grail. A study of the Prose Lancelot*, Oxford, Clarendon Press, 1986.

<sup>2</sup> Por “Lancelot-Graal”entenda-se o ciclo de narrativas constituído pela *Estoire del Saint Graal, Lancelot, Merlin e Suite, Queste del Saint Graal e Mort Artu*. Esta designação é usada por Ferdinand Lot. Veja-se LOT, F, *Etude sur le Lancelot en Prose*, Paris, Champion, 1918.

juntamente com as falhas de Artur e o seu pecado do incesto, visível em *Mordered*, ao fim do reino.

Perante tantas aventuras de diversos cavaleiros, entrecruzadas com a busca do Graal, não é surpreendente que haja diversas redacções da mesma ‘estória’, privilegiando-se numas a feição cavaleiresca e feudal em detrimento da Santa Relíquia, noutras o aceso ou impedimento dos cavaleiros em concretizar a última das demandas. Assim se compreende que existam várias versões francesas do *Lancelot*, motivadas pelo amplo processo de reescrita do romance, obedecendo às preferências da corte a que se destinariam. Em ambiente peninsular, contrastando com a ampla tradição manuscrita francesa, preservaram-se até aos nossos dias apenas três testemunhos do romance de *Lancelot*.

O mais consistente, pela sua extensão e coerência narrativas, conserva-se no ms. 9611BNM e contém, segundo o *explicit*, “el segundo y tercer libro de don Lançarote de Lago” (LL, p.386)<sup>3</sup>. O manuscrito quinhentista de 352 fólios, ainda de acordo com informações do cólofon, preserva uma versão de 1414 a que se seguiria um “libro de don Tristan” (LL, p.386). A ‘estória’ do *Lançarote de Lago* inicia-se pouco antes da Segunda Viagem de Galehout e Lancelot para Sorelois<sup>4</sup> até ao momento em que os cavaleiros regressam à corte após a demanda de Lancelot e narram as suas aventuras que Artur pede que sejam ‘postas por escrito’. Segue-se ainda um diálogo entre o filho de Ban de Benoic e a rainha em que esta lamenta que o caso amoroso dos dois o impeça de concretizar a aventura do Graal. A partir daí, o relato nada mais tem em comum com as versões francesas conhecidas do *Lancelot*, iniciando-se o percurso do cavaleiro em demanda de Tristão. A descoberta de outro texto bastante próximo de um dos episódios finais da versão castelhana abona a favor da sua procedência francesa e o entrelaçamento destas passagens na narrativa do *Lançarote* leva a crer que fariam parte da estrutura do romance, não se tratando

---

<sup>3</sup> Utilizamos nas citações desta obra a edição do romance levada a cabo por CONTRERAS MARTIN, A & SHARRER, H, *Lanzarote del Lago*, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006. Esta obra será referida ao longo deste artigo pela sigla LL.

<sup>4</sup> Não é este o momento para reflectir detidamente em questões tão complexas, como a composição orgânica de um romance, assim, o que importa reter é que o imponente *Lançarote de Lago* ainda que contenha uma narrativa coerente e escorreita, com pouquíssimas imprecisões, não preservou o romance na sua totalidade, faltando-nos o *primero libro* que, conteria, certamente, a infância do herói até à batalha da “Roche aux Saisnes”. Pelo confronto que levamos a cabo, no âmbito da nossa dissertação de doutoramento, notamos que a versão castelhana se aproxima do texto contido no ms. 751BNF.

apenas de fragmentos apóditos com a exclusiva finalidade de preparar o livro de *Tristan* que no final se anuncia<sup>5</sup>.

Para além do acéfalo *Lançarote de Lago*, preservaram-se em solo ibérico dois fragmentos, escritos em catalão, deste romance. Lucía Megías<sup>6</sup> num artigo sobre a literatura cavaleiresca ibérica e o tipo de testemunhos que chegaram até aos nossos dias, fornece uma descrição sintética e precisa destes manuscritos que passamos a citar:

Lancelot – Vulgata [h. 1340-1360; 2 folios]... Biblioteca privada de Francesc Cruzate de Mataró: servían de cubierta a un códice de cuentas del siglo XVI, procedente de Barbastre. Se ha conservado la numeración original: “lxxxv” y “lxxvi”.

b) Lancelot– Vulgata [h.1380-1400; 1 folio en pergamino] ... Arxiu Parroquial de Campos, Mallorca?(...) Conserva la numeración original: “clxxxvij” “(LUCÍA MEGÍAS, 2005, p.247)

O primeiro destes fragmentos preserva parte do episódio em torno da “Carole Magique”, situando-se na secção do *Lancelot* commumente designada “Agravain”<sup>7</sup>, e o segundo contém parte da batalha entre Lancelot e o gigante Carados, quando o cavaleiro sai momentaneamente da prisão de Morgain no Vale sem Retorno.

A reflexão que pretendemos partilhar nesta comunicação prende-se com o texto que versa o desfecho do encantamento das danças mágicas, no fragmento pertencente a Mataró, e a sua relação com o episódio conservado na versão castelhana. Além disso, vamos ainda atentar na dimensão da figura de Lancelot no excerto catalão uma vez que esta assume contornos particulares<sup>8</sup>.

A “Carole Magique” é a primeira das aventuras que Lancelot leva a cabo quando entra na “Forest Perdue”. O cavaleiro, que andava em demanda de

<sup>5</sup> Referimo-nos ao texto de um dos fragmentos descobertos e editados por Monica Longobardi. Veja-se LONGOBARDI, M, “Frammenti di Codici in Antico Francese dalla Biblioteca Comunale di Imola”, *Cultura Neolatina*, nº47,1987, pp. 223-255. As relações deste fragmento com o texto castelhana foram tema de um artigo de Fanny Bogdanow. Cf. BOGDANOW, F, “The Madrid Tercero libro de don Lançarote (Ms 9611) and its Relationship to the Post-Vulgate Roman du Graal in the light of a Hitherto Unknown French Source of One of the Incidents of the Tercero libro”, *Bulletin of Hispanic Studies*, LXXVI,1999, pp. 441-452.

<sup>6</sup> LUCÍA MEGÍAS, José Manuel, “Literatura caballeresca catalana”. *Caplletra: Revista internacional de filologia*, 39, 2005, pp. 231-256.

<sup>7</sup> Cf. MICHA, A, *Lancelot*. Paris-Genève, Droz, t. IV, p.VII.

<sup>8</sup> Tendo em conta que não pretendemos levar a cabo nenhuma consideração de ordem linguística ou codicológica, servimo-nos da edição do manuscrito da responsabilidade de Pere Bohigas. A sua edição pode ser consultada em BOHIGAS, Pere, “Un Nou Fragment del *Lancelot* catalã”, *Estudis Romanics* (=Estudis di Literatura Catalana oferts a Jordi Rubió i Balaguer en el seu sentatnta-cinquè aniversari, 2), X, 1962, pp.179-187. As citações do texto serão identificadas pela sigla LC.

Leonel, chega à entrada de uma floresta onde estão umas letras inscritas numa pedra de mármore que previnem que quem aí ousasse entrar, jamais voltaria. Descurando o aviso, Lancelot e um seu escudeiro entram na floresta e chegam a uma bela clareira onde vêem um trono e uma coroa de ouro, rodeados por quatro pinheiros, e à volta deles vários cavaleiros e donzelas que dançavam entoando uma canção em louvor da rainha Genevra. Impelido por um forte desejo, Lancelot participa nas danças e nem as palavras do escudeiro o demovem de abandonar a roda. Perto do entardecer, uma donzela pede-lhe que se sente no trono e coloque a coroa na cabeça. O cavaleiro acede e nesse momento desfazem-se todos os encantamentos.

O texto catalão começa no instante em que Lancelot, tendo já, como os outros, recuperado o siso e a memória, é aclamado por todos como o melhor cavaleiro do mundo que os livrara daquela prisão. Aparece também um “homem velho” que explica como começaram aquelas danças, no tempo do pai, Ban de Benoic, que por ali passara e se encantara com umas donzelas que cantavam, ordenando aos cavaleiros que o acompanhavam que se lhes juntassem em tão alegre actividade. Um seu irmão, clérigo conhecedor de nigromancia, apaixona-se pela mais bela das jovens e em troca do seu amor torna eternas aquelas cantigas, fazendo com que todas as donzelas e cavaleiros que por aí passassem não resistissem a juntar-se ao grupo. O encantamento cessaria com a vinda do mais belo e melhor cavaleiro do mundo. O ancião conta ainda a história do xadrez mágico que só Lancelot seria capaz de vencer. Esse engenho fora feito pelo mesmo clérigo que concebera as danças para satisfazer a sua amada que já se aborrecia com os cantares. O irmão do rei Ban faz então um jogo com peças de ouro e prata que se moviam sozinhas e que ninguém venceria, à excepção do melhor dos cavaleiros. A magia do xadrez terminaria quando percesse o único que o poderia vencer. O fragmento acaba justamente com esta derradeira explicação, a meio de uma frase<sup>9</sup>.

Pelo confronto que efectuámos entre a versão catalã e os textos franceses e castelhano chegámos a algumas conclusões interessantes: o fragmento da Catalunha contém a mesma matéria, mas omite algumas informações e acrescenta outras, sobretudo no que diz respeito a falas de personagens, fornecendo um texto sensivelmente distinto<sup>10</sup>. Um dos casos em que mais se afasta do congénere castelhano situa-se no momento em que Lançalot retira a coroa da cabeça. Esse objecto, pertença do pai, esperava a sua vinda para que os

<sup>9</sup> “aysí com vós avets vist per forsa d’encantament e sí rom” LC, p. 187.

<sup>10</sup> Apresentamos em anexo uma tabela com as versões ibéricas e francesas nas passagens em apreço.

encantamentos cessassem. No fragmento catalão, não se diz, no início do texto, que a coroa fora de Ban Benoit, apenas vemos o cavaleiro a recusá-la com veemência :

levá la corona de sa testa, e la gità en terra, car ben sap sel bé que aqueyla honor no tanya ad eyl ni ad hom del món, si rey coronat no era. (LC, p.183)

Lição bem diferente encontramos no texto castelhano, onde, para além de se mencionar explicitamente que a coroa pertencera a rei Ban, a atitude de Lançarote parece apenas dever-se ao facto de ele estar aturdido uma vez que acabara de recuperar o siso e a memória: “fue espantado y dio con (f.321v)la Corona en tierra”. Desta forma, o redactor do excerto catalão, considerando a coroa signo da realeza, parece mais cioso em separar as águas, algo insólito no romance arturiano em que abundam vários “reis enfeudados”<sup>11</sup>. Já o *Lançarote* anula tão determinada recusa, revelando o cariz senhorial que o caracteriza. Sendo um romance que coloca o maior destaque no cavaleiro Lancelot, denegrindo a imagem régia de forma explícita<sup>12</sup>, parece coerente que não atribua a coroa como honra exclusiva dos reis. Além disso, a rejeição veemente de Lancelot de um objecto que pertencera ao pai, podia indicar, ainda que de forma subliminar, a recusa do legado da linhagem. Ban de Benoit deixara o seu signo de realeza para o melhor cavaleiro do mundo, como compreender que Lancelot declinasse tamanha distinção? Na versão catalã, o cavaleiro não sabia de quem tinha sido a coroa, logo, o legado paterno não é conscientemente rejeitado. No texto castelhano, conhecendo o anterior possuidor desse objecto, a sua recusa teria de ser matizada. A importância conferida a um símbolo da linhagem parece evidente no *Lançarote* enquanto que o fragmento catalão revela como maior prioridade distinguir as prerrogativas da realeza daquelas que pertenciam à cavalaria. Mas parece ir mais longe pois redefine a imagem do cavaleiro que não se acha digno nem da coroa, nem considera esta uma aventura a que pudesse dar cima.

Em todas as outras versões, depois de desfeito o encantamento, o cavaleiro apenas deseja saber como começaram aquelas danças mágicas. No texto catalão, antes de ouvir o “preudhome”, Lançalot declina a homenagem que lhe prestam, enquanto salvador daquela gente:

<sup>11</sup> Retomamos a expressão que Miranda usara para caracterizar a construção da ideia de realeza no romance arturiano. Cf. MIRANDA, José Carlos Ribeiro, *Conto de Perom. O melhor Cavaleiro do Mundo. Texto e Comentário de uma Narrativa do Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da Estoire del Saint Graal*, Porto, Granito, 1994, p.37.

<sup>12</sup> Veja-se, no episódio da Falsa Genevra, as injúrias que são dirigidas a Artur, rei culpado de adultério. LL, XIII, pp.10-12.

Sèyer, dix Lansalot, cant la ... grant passa la merveyla de desfer l 'encan[tament] és esvenguda per mi, segons que yo m... és estat miracle de Deus pròpiament e... pietat de la gent qui en aquest loc era (LC, p.183)

A resposta de Lancelot parece inusitada, sobretudo se tivermos em conta a tradição narrativa da personagem e o seu percurso no romance: os episódios em que intervém com sucesso dependem da proeza cavaleiresca, como o célebre combate com o gigante Carados, fazem parte da descoberta da sua identidade, como no momento em que descerra o túmulo de Galaad, filho de José de Arimateia, ou quando termina parte da aventura da fonte que ferve, derrotando os leões que guardavam a cabeça do seu avô. Para além disso, serve-se muitas vezes do anel mágico que lhe dera a Dama do Lago e que lhe permite acabar com ilusões, fruto de nigromancia, como os leões da Ponte da Espada ou o cerco do Vale sem Retorno. A sua individualidade é sempre valorizada, bem como a ligação ao maravilhoso que detém graças à Dama que o criou. Assim, as palavras que profere no excerto catalão parecem não encaixar nem na personagem, nem tão pouco no episódio. As canções que entoavam sem cessar eram em louvor da rainha Genevra, sua amante, e os pares que bailavam estavam também enamorados, movendo-se a cena num espaço fechado, circular, cujo desfecho conhecido se centrava em valores puramente cortesias, como a beleza da dama que o motivara e a beleza do cavaleiro que o haveria de terminar.

De acordo com Jean Vallette<sup>13</sup>, a “Carole Magique” constitui um dos poucos episódios afectos ao maravilhoso, num universo romanesco que, sobretudo a partir do “Agregvain”, modifica essa temática a favor da racionalização. Esta leitura coaduna-se com o texto das versões francesas e castelhana em que o cavaleiro desfaz a maravilha conforme estava predestinado, cumprindo todos os passos previstos, sem questionar a responsabilidade do desenlace da aventura.

Na realidade, seria esperável que Galaaz, o filho que o supera, declinasse a glória de um feito, atribuindo-a à Providência Divina. O Bom Cavaleiro, mais actor do que autor, move-se ao longo do romance com o propósito de redimir a cavalaria, espelhando que esta se deve nortear pela castidade e pela fé. Lancelot, pelo contrário, afirma diversas vezes que a sua proeza se deve ao amor que nutre pela rainha. A frase que profere no texto catalão parece significar que se intenta redesenhar a sua imagem, transformando-o num intermediário de Deus, mais próximo do ideal cavaleiresco protagonizado por Galaaz. Como sabemos, os milagres realizados por Cristo e pelos apóstolos pretendiam, de acordo com a

---

<sup>13</sup> VALLETE, Jean-Renè, *La Poétique du Merveilleux dans le Lancelot en Prose*, Paris, Honoré Champion, 1999.

*Bíblia*, mostrar aos crentes a Verdadeira Lei, como é visível nas palavras de Pedro:

Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de Vós com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós, por Seu intermédio, como vós próprios sabeis” (Actos, II, 22)

Os santos e os apóstolos, o próprio Cristo, agiam em nome de Deus que os enviava a espalhar a sua fé. Na passagem em apreço, Lancelot renuncia a responsabilidade do sucesso numa aventura, atribuindo-a à piedade das gentes que possibilitara o milagre divino. Mais uma vez, as suas palavras invocam a *Bíblia*, sobretudo o Novo Testamento, onde tanto se exorta a fé como motivo de curas e milagres. Lançalot, como cavaleiro, rejeita a possibilidade de acabar com a magia e a ilusão, prodígio destinado apenas a Deus e a quem Lhe rezasse. Ele é apenas um instrumento da vontade Divina que o usa para concretizar os Seus designios.

A intenção em delimitar as funções da cavalaria parece estar patente nas humildes palavras de Lançalot que declina a glória da aventura. Todavia, o homem velho insiste que a ele se devia pois “per tu és esdevenguda; car [long temps] há qu’és estat profetisat e dit per seyl qui l de l’encantament e per molts d’altres” (LC, p.183). A leitura deste excerto lembra um episódio, constante na *Demanda do Santo Graal*<sup>14</sup>, em que Perceval chamado a benzer um homem de ordem declina o pedido pois: “nom era prelado de Santa Igreja”(DP, 184, p.147). Perante a insistência do eremita o cavaleiro acede. Segundo José Carlos Miranda<sup>15</sup>, esta passagem, entre outras, pretende elevar a santidade de Perceval, “cavaleiro protegido divinamente, mesmo contra as suas fraquezas” (MIRANDA, 1998, p.132). A nosso ver, semelhante propósito terá tido o redactor desta versão que, conhecendo Lancelot como cavaleiro cortês, intenta conferir-lhe um grau de santidade que, de alguma forma, transformasse o perfil de cavaleiro terreno que lhe andava associado. Este novo Lancelot “cavaleiro de Deus” não só se indicia na interpretação da aventura como um milagre de que foi intermediário, mas é explícita no final do texto quando o homem velho diz por que motivo o xadrez mágico perderia os seus poderes quando Lançalot morresse.

De acordo com o fragmento catalão, que tem, mais uma vez, uma lição privativa, Lançalot só conseguia vencer as peças mágicas “per la virtut que

<sup>14</sup> NUNES, Irene Freire (ed), *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995. Esta obra é referida pela sigla DP. O episódio mencionado encontra-se no cap. 184-185, p.146.

<sup>15</sup> MIRANDA, José Carlos Ribeiro, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*. Porto, Granito, 1998.

Deus auria dada en aqueyl chavaler” (BOHIGAS, p. 187). Tal como Perceval podia benzer o ermita porque era “mui santa cousa”(DP, 184, p.147), também as acções de Lançalot se deviam ao favor que Deus lhe havia concedido. Porém, Lançalot ainda é “a flor de tota terreal cavaleria”(LC, p.183), haverá um outro que o superará em virtudes. Assim, o Lancelot deste fragmento é uma figura algo ambígua, oscilando entre o enamorado preso às danças e o piedoso cavaleiro tocado por Deus. Tal como Perceval, parece caber-lhe apenas um honroso segundo lugar. É também notório o propósito de retirar qualquer carácter mágico ou feérico que pudesse ser associado às danças e ao xadrez ou a Lancelot. Não são anéis ou escudos mágicos que acabam com as ilusões, Lançalot é um cavaleiro virtuoso, graças a isso termina aventuras. Esta imagem parece estar bem distante do Lançarote que ao longo da versão castelhana é o cavaleiro cortês, sempre ao serviço da rainha, e que acaba com a aventura do “Leito de Merlin” graças ao anel da Dama do Lago. A existência do *Lançalot* e do *Lançarote* apontam para a circulação de duas versões diferentes do romance em âmbito ibérico.

José Carlos Miranda<sup>16</sup>, no estudo que consagrou à relação da *Demanda do Santo Graal* com o Ciclo da Vulgata defendeu a existência de um primeiro ciclo de romances em prosa, redigido por volta de 1220, constituído pela *Estoire del Saint Graal*, o *Merlin*, o *Lancelot en Prose* e por uma *Queste + Mort Artu*. Por volta de 1230, terão sido redigidas duas reformulações desta *Queste*: a que hoje é conhecida por *Queste-Vulgata*, editada por Pauphilet como *Queste del Saint Graal*, e a *Queste* do pseudo-Boron. De acordo com Miranda, esta *Queste* do pseudo-Boron, que além de narrar as aventuras dos cavaleiros em demanda do graal continha o relato da queda do mundo arturiano, integrava-se numa configuração cíclica de que igualmente faziam parte o *Roman de Lancelot*, uma redacção do *Roman de Tristan*, a *Estoire del Saint Graal* e o *Roman de Merlin* com a sua *Suite*.

O virtuoso Lancelot que encontramos no fragmento de Mataró coaduna-se com o incremento da vertente espiritual característica do ciclo da Vulgata, presente na Catalunha, como o comprovam outros testemunhos, a *Queste del Saint Grasal* e o incunábulo da *Mort Artu*. O *Lançarote del Lago* evidencia outra forma de contar esta ‘estória’, uma vez que incorpora diversas referências

---

<sup>16</sup> MIRANDA, José Carlos Ribeiro, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*. Porto, Granito, 1998. Mais recentemente, Ana Sofia Laranjinha precisou a configuração do ciclo do pseudo-Boron no que diz respeito às relações entre a *Folie Lancelot* e as diversas fases redaccionais do *Tristan en Prose*. Veja-se LARANJINHA, Ana Sofia, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dissertação Policopiada.

afectas ao ciclo do pseudo-Boron, relacionando-se de perto com a *Suite* e o *Tristan en Prose*, como o comprovam os últimos episódios do romance. Além disso, mantém o aguerrido espírito cavaleiresco, longe de ideais ascéticos, tão presente no *Lancelot não cíclico*, mas que se intentou modificar, sobretudo, a partir do “Agrevain”. O Lançalot catalão prova que a preocupação com o lado espiritual da cavalaria foi uma das tendências na redacção do romance, a par com outras opções que mantiveram o texto centrado nas proezas de Lancelot e nas fragilidades da realeza.

Ainda que seja um romance comum aos dois ciclos, as diferenças entre estes episódios nas versões ibéricas ilustram diversas concepções e alterações de sentidos, dependendo dos hábitos e gostos de quem escrevia e lia estas obras. Assim se justificam as duas faces de Lancelot que nem sempre parece ter sido visto apenas como o protegido da Dama do Lago.

## ANEXO

## Tabela comparativa

**A coroa de rei Ban de Benoic**<sup>17</sup>

Lançarote de Lago <sup>18</sup> (f.321r)	Lancelot (ms.751BNF, f. 295r)	LM <sup>19</sup> (t. IV, LXXXIII, p. 286)	LC (p. 182)
Señor, agora podedes dezir que tenedes la corona de vuestro padre en la caueza	Biax sire, or poez dire que <i>vous avez</i> la que- rone <i>votre</i> pere en vo- <i>tre</i> teste	Biax sire, or poez dire que vos avez la corone vostre pere en vostre teste	Omisso

<sup>17</sup> Para o confronto com a edição Sommer veja-se BOHIGAS, P, “Un nou fragment del Lancelot català”, *Estudis Romànics* (= *Estudis de Literatura Catalana oferts a Jordi Rubió i Balaguer en el seu setanta-cinquè aniversari*), X, 1962, pp. 179-187.

<sup>18</sup> Consultámos o ms. 9611BNM, introduzimos pontuação e separámos palavras. Tivemos o mesmo procedimento na transcrição do texto do ms. 751BNF, mas, além disso, desdobrámos abreviaturas e assinalamos a nossa opção em itálico.

<sup>19</sup> MICHA, A (ed), *Lancelot*. Paris-Genève, Droz, tomo IV, 1979. Identificado pela sigla LM.

**A rejeição da coroa**

Lançarote del Lago  
(f.321r/321v)  
e don lançarote quando  
se fallo enla Cathedra  
con corona de oro enla  
Cauenza fue espantado  
y dio con (f.321v)  
La corona en tierra y  
leuantose muy ayna  
dela Cathedra que auia  
entendido que no auia  
y dicho

Lancelot  
(ms. 751BNF, f.295r)  
Et quant Lancelot  
aparsoit qu'il avoit  
corone d'or en son  
chief, si la prent et la  
geste jus, et saut hors  
de la chaie ou il ne  
devoit mie seoir se li  
ert avis *parce* que si-  
gne de roi cenefioit

LM (t. IV, LXXXIII,  
p.287)  
Et quant Lanceloz  
s'aperçoit qu'il avoit  
couronne d'or en son  
chief, si la prant et la  
giete jus et saut fors  
de la chaie ou il ne  
doit mie seoir, ce li  
est avis, por ce que  
signe de roi senefioit

LC  
(p.182-183)  
E lansalot avaylà  
mantinent de la dita  
tor, veé-los e s levá  
la corona de sa testa,  
e la gitá en terra, car  
ben sap sel bé que  
aqueyla honor no ta-  
nya ad eyl ni ad hom  
del món, si rey coro-  
nat no era

**O cavaleiro virtuoso:**

*“Sèyer”, dix Lansalot, “cant la ... grant pessa la merveyla de desfer l ‘encan[tament] és esven-  
guda per mi, segons que yo m... és estat miracle de Deus pròpriament e... pietat de la gent qui en  
aquest loc era (LC, p.183)<sup>20</sup>*

Lançarote de Lago  
Mas desde muriere,  
luego cesará e  
fallescerá este juego  
y no abra fuerça sino  
como los otros  
tableros ni se jugará  
más por tal maestría

Lancelot  
(ms. 751BNF)  
Mais a sa mort fau-  
ront ne ja puis ne jue-  
ront par eus et bien fu  
*plus* aparant

LM (t.IV, LXXXIII,  
p. 292)  
Mais a sa mort fau-  
dront, que já plus ne  
joueront par els

LC  
(p.187)  
Mas après sa mort, fa-  
lria, que ls escacs no  
joguarien per eyls me-  
teys, ans falria la forsa  
de l'encantament per  
la virtut que Deus au-  
ria dada en aqueyl  
chavaler

<sup>20</sup> Esta frase não se regista nas outras versões.